



**FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO – FABAT
SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL**

FERNANDO DE ANDRADE SILVA

O LEGADO PROFÉTICO DE JESUS CRISTO:

Uma Análise Teológica e Histórica

Rio de Janeiro

2025

FERNANDO DE ANDRADE SILVA

O LEGADO PROFÉTICO DE JESUS CRISTO:

Uma Análise Teológica e Histórica

Artigo apresentado ao curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, como requisito necessário à obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Teresa Akil

Rio de Janeiro

2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, rendo graças a Deus, cuja graça, fidelidade e cuidado sustentaram cada passo desta jornada acadêmica. À minha esposa, Karolyne Fernandes Kuima Silva, expresso minha profunda gratidão pelo amor constante, pela paciência nos dias difíceis e pelo apoio incondicional que me fortaleceu ao longo de todo o percurso. Às minhas filhas, Laura Silva e Elena Silva, agradeço a leveza, alegria e carinho que renovaram minhas forças e me lembraram diariamente do propósito desta caminhada.

Agradeço também ao pastor João Reinaldo Purin Júnior e à Igreja Batista do Méier, pela orientação espiritual, pelas orações e pela confiança depositada em minha formação. Estendo esse reconhecimento a toda a comunidade da igreja, que, com palavras e gestos, contribuiu para meu crescimento ministerial e pessoal.

Sou imensamente grato aos meus pais, Paulo Silas e Leir, por todo amor, incentivo, investimento e por sempre acreditarem no meu potencial, mesmo quando os desafios pareciam maiores que as possibilidades.

Registro, com especial carinho, minha gratidão aos amigos e companheiros de turma, que tornaram esta jornada mais leve, rica e significativa. As conversas, trocas de experiências, estudos compartilhados e o apoio mútuo foram fundamentais para minha formação acadêmica e espiritual. A convivência com vocês enriqueceu não apenas o aprendizado, mas também minha caminhada como discípulo e servo de Cristo.

Por fim, expresso minha sincera gratidão à Faculdade Batista do Rio de Janeiro, pelo ambiente acolhedor de aprendizado e pelo compromisso com a formação teológica. A todos os professores que, com dedicação e excelência, contribuíram de maneira decisiva para minha trajetória, deixo registrado meu profundo reconhecimento.

O LEGADO PROFÉTICO DE JESUS CRISTO: Uma Análise Teológica e Histórica

Aluno: Fernando de Andrade Silva¹

Orientador(a): Prof.^a Dra. Teresa Akil²

RESUMO: Este artigo explora o legado profético de Jesus Cristo sob uma perspectiva teológica e histórica, analisando suas profecias conforme relatadas nos Evangelhos e sua relevância ao longo dos séculos. A investigação destaca a importância dessas profecias para a formação da teologia cristã e sua influência na cultura ocidental. As principais profecias analisadas incluem previsões sobre a destruição de Jerusalém, a morte e ressurreição de Jesus, e profecias escatológicas relacionadas ao fim dos tempos. A metodologia utilizada foi o método histórico-teológico, que permite uma análise crítica dos textos bíblicos e de seus contextos históricos, revelando a evolução da interpretação dessas profecias ao longo dos séculos. Autores como N. T. Wright e George Eldon Ladd foram fundamentais para a compreensão teológica e histórica do tema. O estudo conclui que, embora as interpretações das profecias tenham mudado ao longo do tempo, seu impacto na fé e na prática cristã permanece significativo. Essas previsões continuam a inspirar a esperança escatológica e a moldar a ética e espiritualidade cristãs, reforçando sua relevância tanto na teologia quanto na cultura contemporânea.

Palavras-chave: Profecias de Jesus; Teologia Cristã; História do Cristianismo.

ABSTRACT: This article explores the prophetic legacy of Jesus Christ from a theological and historical perspective, analyzing his prophecies as recorded in the Gospels and their relevance throughout the centuries. The investigation highlights the importance of these prophecies for the formation of Christian theology and their influence on Western culture. The main prophecies analyzed include predictions about the destruction of Jerusalem, Jesus's death and resurrection, and eschatological prophecies related to the end times. The methodology used was the historical-theological method, allowing for a critical analysis of biblical texts and their historical contexts, revealing the evolution of prophecy interpretation over the centuries. Authors such as N. T. Wright and George Eldon Ladd were key to understanding the theological and historical aspects of the topic. The study concludes that, although interpretations have changed over time, the impact of these prophecies on faith and Christian practice remains significant. These predictions continue to inspire eschatological hope and shape Christian ethics and spirituality, underscoring their relevance in both contemporary theology and culture.

Keywords: Jesus's Prophecies; Christian Theology; History of Christianity.

¹ Graduando em Teologia - Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil

² possui Pós-Doutorado em Teologia (PUC-Rio, 2021), Doutorado em Teologia (PUC-Rio, 2010), Mestrado em Teologia Bíblica (Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, 2005), Graduação em Teologia (Faculdade Batista do Paraná, 2008)

INTRODUÇÃO

O estudo do legado profético de Jesus ocupa posição central na teologia cristã porque suas profecias moldaram, ao longo dos séculos, a identidade, a mensagem e a missão da Igreja. Nos Evangelhos, Jesus aparece como profeta que denuncia a infidelidade (Mt 23:37–39), discerne os tempos (Lc 12:54–56), anuncia o Reino (Mc 1:14–15) e consola seus seguidores com promessas de esperança (Jo 14:1–3). Suas palavras sobre o destino de Jerusalém (Lc 19:41–44), sobre sua morte e ressurreição (Mc 8:31; Lc 9:22) e sobre os eventos escatológicos (Mt 24–25; Mc 13; Lc 21) não apenas interpretaram o mundo de sua época, mas se tornaram referenciais permanentes para a fé cristã.

Compreender essas profecias exige retornar ao contexto do judaísmo do Segundo Templo, às expectativas apocalípticas do Mediterrâneo antigo e aos códigos socioculturais da época, como apontam Malina (2004), Souza (2019) e Gallazzi (2011). Exige também seguir a trilha interpretativa que se desenvolveu na história da Igreja, passando pela urgência escatológica das primeiras comunidades (1 Ts 4:13–18), pela leitura simbólica e espiritualizada da patrística, pela ênfase moral e pedagógica da Idade Média, pelo retorno ao texto promovido pela Reforma e pelos modelos críticos e histórico-teológicos da modernidade.

Este artigo tem, portanto, três objetivos principais:

- (1) analisar o conteúdo e o contexto das profecias de Jesus conforme registradas nos Evangelhos;
- (2) apresentar um panorama histórico das interpretações cristãs dessas profecias, das comunidades primitivas às contribuições contemporâneas;
- (3) discutir sua relevância para a espiritualidade, a ética e a missão da Igreja na atualidade. Ao integrar essas três dimensões — exegética, histórica e teológica — procura-se demonstrar que as profecias de Jesus formam uma unidade dinâmica que atravessa os séculos, molda a fé cristã e orienta a prática pastoral.

A metodologia adotada segue o método histórico-teológico, combinando análise crítica dos textos bíblicos, estudo dos contextos culturais e investigação da recepção e desenvolvimento das interpretações ao longo da história da Igreja. Conforme orienta o Guia de Estudos Bíblicos da Universidade de São Paulo (2020), esse método permite compreender o texto bíblico como testemunho histórico e como tradição viva que ilumina gerações sucessivas. Autores como Wright (2009), Ladd (2003; 2008) e Brown (2014)

oferecem contribuições fundamentais para uma abordagem que integra história, teologia e espiritualidade cristã.

O artigo organiza-se em três seções principais. A primeira examina as profecias de Jesus nos Evangelhos, com foco na destruição de Jerusalém, na morte e ressurreição e nas profecias escatológicas sobre o fim dos tempos. A segunda apresenta a trajetória histórica da interpretação dessas profecias, desde as primeiras comunidades cristãs até as discussões modernas. A terceira seção discute a atualidade dessas palavras para a vida cristã, especialmente no que diz respeito à esperança escatológica (Rm 8:18–25), à ética do Reino (Mt 6:33; Tg 1:22), ao compromisso missionário (Mt 28:19–20; At 1:8) e ao discernimento espiritual diante dos desafios contemporâneos (Mt 24:4–5; 1 Jo 4:1).

Assim, este estudo propõe que o legado profético de Jesus — entendido à luz da tradição bíblica destacada por von Rad — permanece como palavra viva que interpreta a história, chama ao arrependimento, orienta a missão da Igreja e inspira esperança. As profecias de Jesus não pertencem apenas ao passado; elas continuam a iluminar o caminho da fé cristã e a formar discípulos que vivem entre o “já” inaugurado da redenção e o “ainda não” da consumação final. Em Cristo, o Profeta prometido (Dt 18:15), a voz profética alcança sua plenitude e continua a convocar cada geração à fidelidade, à vigilância e à missão no mundo.

1. AS PRINCIPAIS PROFECIAS DE JESUS CRISTO NOS EVANGELHOS

Nesta seção, serão analisadas as principais profecias de Jesus conforme relatadas nos Evangelhos. Essas previsões desempenham um papel central na compreensão de sua missão e identidade messiânica, sendo essenciais tanto para a teologia cristã quanto para a interpretação histórica de sua vida e ensinamentos. A análise se concentrará nas profecias relacionadas ao destino de Jerusalém, à morte e ressurreição de Jesus, e nas previsões escatológicas sobre o fim dos tempos, destacando seu contexto histórico e significado teológico.

1.1 Profecias sobre a Destruição de Jerusalém

A profecia de Jesus acerca da destruição de Jerusalém ocupa lugar central na compreensão de seu ministério profético. Nos Evangelhos Sinóticos, Jesus anuncia que “não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada” (Mt 24:2; Mc 13:2; Lc 21:6), numa

clara antecipação da queda do Templo e da devastação da cidade, eventos que se concretizaram tragicamente no ano 70 d.C., quando as tropas romanas sob Tito sitiaram e arrasaram Jerusalém. Essa declaração não surge de forma isolada, nem como um simples prognóstico histórico, mas como parte da mensagem profética que interpreta a ruína iminente como consequência da rejeição ao propósito divino.

Antes mesmo do discurso escatológico, Jesus já havia demonstrado profunda dor pela condição espiritual de Jerusalém. Ao aproximar-se da cidade, Ele “chorou sobre ela” (Lc 19:41), lamentando que não reconheceria “as coisas que conduzem à paz” (Lc 19:42). Nesse lamento, Jesus anuncia que viria um tempo em que seus inimigos levantariam trincheiras ao redor da cidade, cercando-a e destruindo-a completamente, inclusive as crianças (Lc 19:43–44). Essa profecia, carregada de compaixão e juízo, articula não apenas o destino político da cidade, mas a consequência espiritual da resistência ao Reino de Deus.

Esse mesmo tom aparece na lamentação registrada em Mateus: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados!” (Mt 23:37). Aqui, Jesus se identifica explicitamente com a tradição profética de Israel, reconhecendo que Sua mensagem se insere na longa história de rejeição aos mensageiros de Deus. O anúncio de que a “casa ficará deserta” (Mt 23:38) reforça a gravidade de sua advertência e antecipa o que se cumpriria algumas décadas depois.

Intérpretes contemporâneos têm destacado a profundidade teológica dessa profecia. Wright (2009) afirma que as palavras de Jesus sobre a destruição de Jerusalém devem ser compreendidas como um chamado urgente ao arrependimento, pois revelam a seriedade das escolhas de Israel diante do Reino. Gallazzi (2011) recorda que o Templo representava o centro espiritual, social e político do judaísmo, de modo que sua queda significava uma ruptura sem precedentes na história do povo. Von Rad (2006) explica que, na tradição profética do Antigo Testamento, o juízo sobre instituições centrais sempre carregava significado teológico, indicando a necessidade de renovação da aliança.

Assim, a profecia de Jesus não é apenas anúncio de colapso, mas interpretação espiritual da história e convite à conversão. O lamento sobre Jerusalém revela que, antes de ser juízo, a palavra profética é expressão do amor divino que deseja restaurar o povo. Como profeta, Jesus denuncia a infidelidade, discerne os sinais dos tempos e oferece o caminho da vida, mas também declara as consequências da rejeição. Sua profecia, portanto, conjuga denúncia, lamento e esperança, mostrando que até mesmo a ruína histórica pode apontar para uma nova realidade inaugurada pelo Reino de Deus.

Em seu cumprimento, os cristãos da primeira geração viram a confirmação da autoridade profética de Jesus e compreenderam que a destruição do Templo simbolizava a transição para um novo momento: a fé agora não se estruturava mais no centro físico do culto, mas na pessoa do próprio Cristo ressuscitado. O anúncio sobre Jerusalém, assim, não pertence apenas ao passado, mas continua a lembrar a Igreja de que a história é conduzida pelo Deus que julga, restaura e convida o Seu povo a acolher o caminho da paz.

1.2 Profecias sobre a Morte e Ressurreição de Jesus

Entre todas as profecias pronunciadas por Jesus, nenhuma possui impacto tão profundo sobre a fé cristã quanto aquelas em que Ele anuncia sua própria morte e ressurreição. Nos Evangelhos, Jesus declara repetidas vezes que seria rejeitado pelos líderes religiosos, entregue às autoridades, morto e ressuscitado ao terceiro dia (Mt 16:21; Mc 8:31; Lc 9:22). Esses anúncios não aparecem de forma acidental ou marginal, mas ocupam o centro de sua missão, revelando que Ele compreendia sua obra à luz da vontade soberana de Deus e da tradição profética que o precedia. Em outras palavras, Jesus vive sua identidade messiânica não a partir de expectativas triunfalistas, mas a partir do caminho do Servo Sofredor.

Nos Evangelhos Sinóticos, essa mensagem é reiterada com clareza. Em Marcos 9:31, Jesus instrui seus discípulos dizendo: “O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens; eles o matarão, e, três dias depois, ressuscitará.” Em Lucas 18:31–33, Ele afirma que tudo o que estava escrito pelos profetas acerca do Filho do Homem se cumpriria, indicando que sua morte não seria um fracasso, mas a realização das Escrituras. Essa consciência se harmoniza com o testemunho do Antigo Testamento: o Servo de Isaías seria “traspassado pelas nossas transgressões” (Is 53:5), e o justo sofreria injustamente, como sugerido tipologicamente no Salmo 22. Jesus lê sua missão dentro dessa moldura profética, mostrando que sua morte seria sacrifício substitutivo e sua ressurreição, sinal da vitória final de Deus.

A tradição cristã primitiva também reconheceu o cumprimento das Escrituras nos eventos da Paixão. Paulo, ao transmitir uma das mais antigas confissões de fé da Igreja, declara que Cristo “morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras”, e que “ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1 Co 15:3–4). Assim, a profecia de Jesus consiste não apenas em anunciar um fato futuro, mas em revelar o sentido teológico da cruz e da ressurreição como atos centrais da história da salvação.

Intérpretes contemporâneos reforçam essa perspectiva. Ladd (2008) afirma que a morte e ressurreição de Jesus não foram eventos acidentais, mas parte do plano divino para a redenção da humanidade. Ele argumenta que o Reino de Deus irrompe definitivamente na ressurreição, inaugurando a nova criação prometida pelos profetas. Wright (2009) segue a mesma linha, destacando que a ressurreição não é apenas um acontecimento extraordinário do passado, mas a inauguração de uma realidade escatológica que transforma o presente. Para ele, o túmulo vazio e as aparições do Cristo ressuscitado demonstram que o Reino já está em ação na história e que a nova vida de Deus já começou.

A reação dos discípulos aos anúncios da Paixão demonstra a profundidade dessa revelação. Eles inicialmente não compreendiam como o Messias poderia sofrer (Mc 9:32), pois suas expectativas estavam moldadas por imagens de poder e triunfo. No entanto, após a ressurreição, recordaram as palavras de Jesus e finalmente compreenderam que a cruz não era derrota, mas vitória; não era o fim, mas o início da restauração prometida. O caminho para a glória passa pela entrega, e o triunfo do Reino se manifesta através do amor sacrificial.

A profecia da morte e ressurreição também possui implicações pastorais profundas. Ao anunciar sua partida, Jesus consola seus discípulos com a promessa de que não os deixaria órfãos (Jo 14:18) e de que prepararia lugar para eles (Jo 14:2–3). Assim, a ressurreição torna-se fundamento da esperança cristã: “Porque eu vivo, também vós vivereis” (Jo 14:19). A comunidade cristã, portanto, não apenas crê na ressurreição como fato histórico, mas vive dela como força espiritual que sustenta sua fé, molda sua ética e motiva sua missão.

Por fim, ao anunciar sua própria ressurreição, Jesus revela que a história não está entregue ao acaso, mas guiada pelo Deus que transforma morte em vida. A profecia da Paixão mostra que o sofrimento não tem a última palavra, que a maldade humana não frustra o propósito divino e que, em Cristo, a esperança escatológica se torna realidade presente. A morte e ressurreição de Jesus constituem, assim, não apenas o centro do evangelho, mas a confirmação suprema de sua autoridade profética e a garantia de que todas as demais promessas do Reino se cumprirão plenamente.

1.3 Profecias Escatológicas sobre o Fim dos Tempos

As profecias escatológicas de Jesus constituem uma das porções mais densas e teologicamente ricas dos Evangelhos, pois tratam não apenas dos eventos futuros, mas do significado último da história, do propósito de Deus para o mundo e do chamado ético dirigido ao Seu povo. O chamado “Discurso do Monte das Oliveiras”, registrado em Mateus 24–25, Marcos 13 e Lucas 21, apresenta um conjunto de advertências, sinais e parábolas que revelam tanto a seriedade do juízo divino quanto a esperança gloriosa da vinda do Filho do Homem. Longe de promover especulação sensacionalista, esses discursos convidam os discípulos a viverem com vigilância, fidelidade e discernimento espiritual.

No início do discurso, Jesus descreve sinais que precederiam tempos de tribulação — guerras, terremotos, perseguições, falsos profetas e o esfriamento da fé de muitos (Mt 24:4–12). Entretanto, Ele deixa claro que esses acontecimentos não são o fim, mas “o princípio das dores” (Mt 24:8), mostrando que a comunidade cristã deve interpretar tais eventos não com desespero, mas com lucidez espiritual. Em Lucas, Jesus afirma que tais sinais apontam para a proximidade do Reino: “Quando estas coisas começarem a acontecer, levantai-vos e erguei a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima” (Lc 21:28).

Um dos pontos centrais das profecias escatológicas é a promessa da vinda do Filho do Homem “sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória” (Mt 24:30). Essa imagem, profundamente enraizada na visão de Daniel 7, revela a autoridade soberana de Cristo sobre todas as coisas e confirma o caráter messiânico e divino de Sua missão. Em Marcos 13:26, essa vinda é associada ao juízo final e à consumação da história, e em Lucas 21:27 aparece como manifestação gloriosa que transformará definitivamente o mundo.

Além disso, Jesus não apenas anuncia sua vinda futura, mas conforta os discípulos com a promessa de que Ele voltará para buscá-los: “Voltarei e vos receberei para mim mesmo” (Jo 14:1–3). Essa passagem complementa os discursos sinóticos ao enfatizar que a escatologia não é apenas doutrina sobre o fim, mas expressão da relação amorosa entre Cristo e Sua Igreja. Em Atos 1:9–11, o anúncio angelical confirma essa promessa, afirmando que Jesus retornará “da mesma forma como o vistes subir”.

O caráter ético das profecias escatológicas é reforçado pelas parábolas presentes em Mateus 25. A parábola das dez virgens ensina sobre a necessidade de vigilância e prontidão espiritual (Mt 25:1–13); a dos talentos, sobre fidelidade e responsabilidade no serviço (Mt 25:14–30); e a grande cena do juízo final (Mt 25:31–46), sobre a prática concreta da misericórdia e da justiça como marcas do verdadeiro discípulo. Assim, a escatologia não

é oferecida como mera antecipação de eventos futuros, mas como fundamento de uma vida transformada no presente.

A tradição cristã primitiva compreendeu essas palavras como orientação para uma vida marcada pela esperança e pela santidade. Para Wright (2009), é impossível interpretar as profecias escatológicas de Jesus sem reconhecer seu duplo movimento: elas apontam para eventos históricos relacionados ao primeiro século — especialmente a destruição de Jerusalém — e, ao mesmo tempo, iluminam a esperança futura da Igreja. Ladd (2003; 2008) reforça essa compreensão ao desenvolver seu famoso conceito do “já e ainda não”: o Reino de Deus já foi inaugurado na pessoa e obra de Cristo, mas sua plena manifestação ainda aguarda a consumação futura.

A literatura apocalíptica do Novo Testamento ressoa e amplia essas palavras de Jesus. Apocalipse 1:7, por exemplo, retoma o tema do Filho do Homem vindo com as nuvens, mostrando a coesão interna da esperança cristã. Essa continuidade literária e teológica reforça que a escatologia cristã é fundamentada na pessoa do Cristo ressuscitado, cuja vitória garante a redenção final de todas as coisas.

Assim, as profecias escatológicas de Jesus transcendem leituras meramente futuristas. Elas revelam o caráter de Deus, moldam a ética cristã, sustentam a esperança da Igreja e lembram continuamente que a história caminha para a plena manifestação do Reino. O chamado de Jesus à vigilância, à fidelidade e à perseverança permanece atual para cada geração, especialmente em um mundo marcado por insegurança, crise moral e incertezas. A escatologia cristã, portanto, não paralisa, mas envia; não aterroriza, mas consola; não obscurece a vida presente, mas lhe confere sentido e direção à luz da eternidade.

2. A INTERPRETAÇÃO DAS PROFECIAS DE JESUS AO LONGO DA HISTÓRIA

A interpretação das profecias de Jesus ao longo da história revela não apenas mudanças hermenêuticas, mas também transformações teológicas, pastorais e culturais que marcaram diferentes períodos da Igreja. Cada época leu as palavras proféticas de Cristo à luz de seus próprios conflitos, expectativas e contextos. Como ocorre com toda Escritura viva, as profecias de Jesus (Mt 24–25; Mc 13; Lc 21) não foram tratadas como discursos estáticos, mas como testemunhos que iluminam a caminhada da fé. Assim como os profetas do Antigo Testamento eram revisitados por cada geração (Ne 8:8; Dn 9:2), as

palavras de Jesus continuaram sendo fonte de esperança, consolo e discernimento espiritual para a comunidade cristã.

A seguir, analisam-se os principais momentos históricos que moldaram a recepção e a interpretação dessas profecias ao longo dos séculos, desde as primeiras comunidades cristãs até a reflexão teológica moderna.

2.1 A Leitura das Comunidades Primitivas: Profecia como Realidade Imediata

As primeiras comunidades cristãs, especialmente aquelas formadas por judeus-crentes, receberam as profecias de Jesus com profundo senso de urgência e literalidade. A destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. — anunciada por Jesus em textos como Lucas 19:41–44 e Mateus 23:37–39 — foi interpretada pelos primeiros cristãos como confirmação direta de Suas palavras. Eusébio de Cesareia relata que, ao perceberem o cerco iminente, muitos cristãos fugiram para a cidade de Pela, obedecendo à advertência de Jesus de que, ao verem Jerusalém cercada de exércitos, deveriam fugir para os montes (Lc 21:20–21).

Essa atitude demonstra que os cristãos da primeira geração não liam a profecia como abstração teológica, mas como palavra viva que orientava decisões concretas. O cumprimento histórico reforçou entre eles a convicção de que Jesus era, de fato, o Profeta prometido (Dt 18:15) e o intérprete supremo da vontade divina.

O mesmo ocorre com as profecias sobre a ressurreição e o retorno de Cristo. A comunidade cristã primitiva vivia na expectativa da parousia, como revelam textos como 1 Tessalonicenses 4:13–18 e 1 Coríntios 16:22 (“Maranata”). A esperança de que “o Senhor está próximo” (Fp 4:5) moldava sua ética, espiritualidade e missão.

Von Rad (2006) lembra que, na tradição bíblica, a escatologia nunca é mera especulação, mas interpretação do presente à luz da soberania de Deus. Assim também os primeiros cristãos compreenderam as palavras proféticas de Jesus: como convite à santidade, perseverança e confiança, mesmo em meio à perseguição e às incertezas do Império Romano.

2.2 A leitura patrística: espiritualidade, alegoria e defesa da fé

Nos séculos II a V, a Igreja atravessou transformações profundas, enfrentando perseguições intermitentes, disputas doutrinárias e o desafio de definir sua identidade teológica diante de um mundo plural. Nesse cenário, as profecias de Jesus passaram a

desempenhar papel decisivo como instrumentos de consolação, defesa da fé e construção espiritual da comunidade cristã. Pais da Igreja como Justino Mártir, Irineu de Lião, Tertuliano e Agostinho desenvolveram leituras que integravam aspectos literais, simbólicos e teológicos, buscando responder às ameaças externas e internas que surgiam.

Irineu, por exemplo, destacou a confiabilidade das palavras de Jesus para combater heresias gnósticas, afirmando que a esperança escatológica repousava no Cristo histórico, cuja ressurreição garantia a restauração futura. Justino interpretava as profecias como cumprimento da revelação veterotestamentária, reforçando a continuidade entre as Escrituras e o evangelho. Tertuliano via na escatologia uma arma apologética: o retorno de Cristo e o juízo final eram apresentados como garantia de justiça divina diante da opressão sofrida pelos cristãos.

Entretanto, foi Agostinho quem exerceu influência singular sobre a compreensão escatológica patrística. Ele argumentou que o “milênio” de Apocalipse 20 deveria ser lido simbolicamente, e não como um período histórico literal. Para ele, a consumação do Reino ocorre progressivamente na história, e a Igreja funciona como expressão visível desse governo de Cristo no presente. Essa abordagem espiritualizou a expectativa apocalíptica, deslocando o foco da cronologia para a transformação moral e espiritual dos crentes.

Essa leitura simbólica mitigou o senso de urgência característico das comunidades primitivas, mas fortaleceu uma escatologia voltada à santidade, à vigilância e à esperança perseverante. As parábolas escatológicas de Mateus 25 passaram a ser interpretadas como convites à prática da caridade, à fidelidade e à sobriedade espiritual. Ao mesmo tempo, permaneceu viva a convicção de que o Cristo exaltado, que ascendeu ao céu (At 1:9–11), retornaria em glória no tempo determinado por Deus.

Assim, a espiritualidade patrística preservou uma tensão harmoniosa: por um lado, a esperança firme na vinda futura de Cristo; por outro, a consciência de que a vida presente deve refletir a ética do Reino. A leitura patrística das profecias revelou-se, portanto, um marco fundamental na formação da tradição cristã, combinando discernimento teológico, defesa da fé e profunda devoção espiritual.

2.3 A Idade Média: Entre o Simbólico e o Moral

A Idade Média (séculos V a XV) herdou da patrística uma hermenêutica fortemente marcada pela alegoria, mas a desenvolveu em novas direções. Com o crescimento da Cristandade e a crescente institucionalização da Igreja, as profecias de Jesus passaram a

ser lidas principalmente como instrumentos de formação espiritual e moral, assumindo um papel pedagógico na vida devocional dos fiéis.

Nesse período, a interpretação das profecias voltou-se mais para o interior da alma do que para eventos históricos específicos. A destruição de Jerusalém, por exemplo, passou a ser entendida simbolicamente: mais do que julgar uma cidade, ela representava o juízo de Deus sobre a alma humana que se afasta da fé. O discurso escatológico deixava de ser apenas previsão de acontecimentos futuros para tornar-se um espelho da condição espiritual da humanidade.

A literatura devocional medieval, marcada por forte teologia do juízo e da penitência, usava as palavras de Jesus para incentivar a confissão, a vigilância e a prática da caridade. As parábolas das virgens e dos talentos (Mt 25) tornaram-se ferramentas para pregação moral, enfatizando preparação espiritual e responsabilidade individual.

Embora muitos exegetas medievais adotassem uma abordagem alegórica, o elemento escatológico não foi abandonado. A crença no retorno de Cristo permanecia firme, alimentando tanto movimentos espirituais autênticos quanto grupos apocalípticos que, ocasionalmente, surgiam com previsões específicas sobre o fim dos tempos.

Von Rad (2006) descreve que, nesse período, ocorre um deslocamento parcial do sentido histórico da profecia para um enfoque mais espiritualizado. A profecia deixa de interpelar diretamente a história política de Israel para se tornar reflexão sobre a condição moral do ser humano. Ainda assim, o centro teológico permanece: o juízo pertence a Deus, e a humanidade é chamada à conversão, fidelidade e santidade.

Assim, a Idade Média preservou a dimensão escatológica, mas a envolveu em intensa espiritualidade moral e simbólica. As profecias de Jesus continuaram vivas — não como cronogramas de eventos, mas como bússolas espirituais que guiavam a consciência cristã para a prática da fé, a busca da santidade e a esperança no retorno de Cristo.

2.4 A Reforma e o Retorno ao Texto: Profecia lida em chave histórica

O movimento da Reforma do século XVI recuperou vigorosamente a leitura direta das Escrituras. Lutero, Calvino e outros reformadores rejeitaram os excessos alegóricos medievais, defendendo que as profecias deveriam ser interpretadas à luz do texto bíblico, de seu contexto e de sua gramática.

Calvino, por exemplo, argumentava que as profecias de Mateus 24 possuíam tanto um cumprimento histórico (a destruição de Jerusalém) quanto uma aplicação escatológica

futura. Nessa abordagem, a Reforma recuperou o duplo movimento das profecias: cumprimento parcial no passado e expectativa plena no futuro.

Além disso, a Reforma enfatizou a soberania de Cristo exaltado — aquele que reina à direita de Deus (Hb 1:3) — e o chamado à santidade em vista de Seu retorno (2 Pe 3:11–13). O foco não estava em especulações, mas em viver uma fé autêntica diante do Deus que julga e salva.

Posteriormente, os avivalistas, como Jonathan Edwards e John Wesley, reacenderam o senso de urgência espiritual presente nas palavras de Jesus, vendo na escatologia um estímulo para missão, arrependimento e renovação moral.

2.5 Modernidade e Século XX: Crítica Bíblica, Reconstrução Histórica e Nova Leitura Escatológica

O surgimento da crítica bíblica e da pesquisa sobre o “Jesus histórico” trouxe um novo cenário. Autores como Albert Schweitzer enfatizaram o caráter profundamente apocalíptico de Jesus, compreendendo-o dentro do ambiente profético do judaísmo do Segundo Templo. Já C. H. Dodd propôs o conceito de “escatologia realizada”, defendendo que o Reino já havia chegado plenamente na pessoa e obra de Cristo. A crítica histórica do século XX, conforme Malina (2004), ajudou a recolocar Jesus dentro das categorias socioculturais de seu tempo, reconhecendo que seu discurso profético se insere no ambiente simbólico do Mediterrâneo oriental.

No século XX, Ladd (2003; 2008) conciliou essas perspectivas por meio do famoso modelo “já e ainda não”, hoje amplamente aceito no campo evangélico. Para Ladd, as profecias de Jesus apontam para um Reino já inaugurado, cuja plenitude ainda está por se revelar. Wright (2009) aprofunda essa abordagem ao afirmar que Jesus deve ser compreendido como profeta dentro da tradição judaica e como inaugurador de uma nova realidade que rompe com as expectativas messiânicas convencionais.

Assim, a modernidade trouxe uma nova maturidade hermenêutica: histórica, crítica e, ao mesmo tempo, profundamente teológica. O desafio passou a ser interpretar o texto respeitando seu contexto original sem perder sua força normativo-espiritual para a Igreja contemporânea.

2.6 Síntese: A Profecia como Palavra Viva na História

Ao analisar essa trajetória, percebe-se que as profecias de Jesus não foram relegadas a museu interpretativo. Elas atravessaram os séculos como voz viva, moldando gerações de cristãos e influenciando movimentos espirituais, reformas e debates teológicos. Cada época, com suas características próprias, encontrou nas palavras de Jesus um referencial para compreender a Deus, o mundo e a si mesma.

A tradição profética sempre teve a função de iluminar a realidade presente, denunciando a injustiça, chamando ao arrependimento e anunciando o agir soberano de Deus na história. No Antigo Testamento, essa dinâmica aparece repetidamente como um convite divino para que o povo compreenda seu tempo à luz da aliança e responda com fidelidade e discernimento. É nesse horizonte que as palavras de Jesus devem ser situadas: não como discursos isolados, mas como continuidade da ação profética de Deus que atravessa gerações.

Como ressalta von Rad (2006), *“O profeta não fala de si mesmo, mas interpreta o presente como campo da ação de Deus e convoca o povo à decisão”*, (v. 2, p. 120). Isso significa que a palavra profética é sempre dinâmica e renovadora: ela nasce de Deus, ilumina a realidade humana e confronta continuamente o povo com a necessidade de discernir Sua vontade. Assim, a profecia de Jesus não permanece confinada ao seu contexto histórico imediato, mas continua a interpelar cada geração, chamando-a à fidelidade, ao arrependimento e à esperança viva no Reino de Deus.

Dessa forma, a força da profecia de Jesus não reside apenas em seus anúncios escatológicos, mas no chamado concreto que dirige aos seus discípulos ao longo da história. Suas palavras moldam a espiritualidade cristã, orientam a ética do Reino e sustentam a missão em meio às tensões do mundo. Quando a Igreja lê, interpreta e vive essas palavras, ela se insere na mesma tradição profética descrita por von Rad: uma tradição que compreende o presente como lugar do agir divino e que convoca o povo de Deus a responder com obediência, discernimento e esperança perseverante.

Assim, o legado profético de Cristo não é apenas objeto de estudo histórico, mas instrumento contínuo de discernimento espiritual, teológico e missionário. Jesus emerge não apenas como porta-voz do futuro, mas como intérprete da história, anunciador do Reino e guia seguro da fé cristã — ontem, hoje e sempre.

3 A RELEVÂNCIA CONTEMPORÂNEA DAS PROFECIAS DE JESUS

As profecias de Jesus não se esgotam em seu contexto histórico imediato, nem podem ser reduzidas a um conjunto de previsões sobre o futuro. Elas constituem palavras vivas que moldam a espiritualidade, a ética e a missão da Igreja ao longo dos séculos. Em um mundo marcado por incertezas, crises morais e desafios globais, as palavras proféticas de Cristo continuam a oferecer direção, discernimento e esperança. Assim como o apóstolo Paulo afirma que “tudo quanto foi escrito para nosso ensino foi escrito” (Rm 15:4), também as profecias de Jesus seguem iluminando a caminhada contemporânea do povo de Deus.

A seguir, analisam-se quatro dimensões centrais da relevância dessas profecias para a vida cristã atual: a esperança escatológica, a ética do Reino, o compromisso missionário e o discernimento espiritual.

3.1 Esperança escatológica

As palavras de Jesus sobre o futuro — sua vinda, o juízo e a renovação de todas as coisas — têm como propósito alimentar a esperança cristã e fortalecer o coração dos discípulos diante das tribulações da vida. Essa esperança não é fuga da realidade, mas ancoragem firme na promessa de que Deus conduz a história para a redenção final.

O apóstolo Paulo descreve essa tensão com extraordinária profundidade: “as aflições do tempo presente não se comparam com a glória a ser revelada” (Rm 8:18). Ele apresenta a criação inteira como alguém que “geme e suporta angústias até agora” (Rm 8:22), mas que aguarda com expectativa a manifestação final da salvação. Essa é a mesma dinâmica que permeia as palavras de Jesus, que chama seus discípulos a erguerem a cabeça quando as coisas se tornarem difíceis, pois “a redenção está próxima” (Lc 21:28).

A esperança escatológica também é comunitária. A carta aos Hebreus exorta os cristãos a manterem firme a confissão da esperança “porque fiel é aquele que prometeu” (Hb 10:23), e acrescenta que devemos encorajar uns aos outros “tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hb 10:25). Essa relação entre promessa e vigilância ecoa diretamente o ensino de Jesus em Mateus 24–25.

Wright (2009) enfatiza que a esperança escatológica cristã não é escapista, mas transformadora. Ela dá coragem para viver no presente, para enfrentar o sofrimento com dignidade e para caminhar em fidelidade até que o Filho do Homem venha em glória. Assim, as profecias de Jesus continuam sendo fonte de consolo, perseverança e confiança para uma Igreja que vive entre o “já inaugurado” e o “ainda não consumado” do Reino de Deus.

3.2 Ética do Reino

As profecias de Jesus não apenas apontam para o futuro, mas também revelam como seus discípulos devem viver no presente. A escatologia, longe de ser mera especulação cronológica, torna-se fundamento da ética cristã. Jesus deixa claro que aqueles que aguardam o Reino devem buscar, antes de tudo, “o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6:33), uma orientação que define prioridades espirituais e práticas.

Essa ética do Reino se manifesta na obediência concreta. Jesus alerta que “nem tudo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai” (Mt 7:21). Em outras palavras, as expectativas escatológicas exigem uma vida presente alinhada ao caráter de Deus. Tiago reforça essa mesma abordagem ao declarar que os cristãos devem ser “praticantes da palavra e não apenas ouvintes” (Tg 1:22), mostrando que a fé escatológica genuína se revela em obras de justiça, misericórdia e verdade.

Von Rad (2006) lembra que, na tradição profética, ética e escatologia são dimensões inseparáveis: o anúncio do que virá exigir transformação moral hoje. Ladd (2008) acrescenta que o Reino de Deus, embora futuro em sua plenitude, já se manifesta no presente por meio da obediência dos discípulos.

Portanto, as profecias de Jesus seguem moldando a vida cristã ao convocar a Igreja para uma ética contracultural, marcada pela integridade, compaixão, pureza de coração e compromisso com a justiça. Em um mundo caracterizado por relativismo moral, individualismo e desigualdade, essa ética do Reino se torna um testemunho poderoso da verdade do evangelho.

3.3 Missão

As profecias de Jesus não paralisam a Igreja, mas a enviam. Toda expectativa escatológica bíblica está intrinsecamente ligada ao chamado missionário. Antes de ascender aos céus, Jesus afirma que o anúncio do evangelho deve alcançar “todas as nações” (Mt 28:19–20) e que seus discípulos receberiam poder para serem testemunhas “até os confins da terra” (At 1:8).

O evangelho de Mateus encerra-se com uma promessa escatológica: “E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século” (Mt 28:20). Essa afirmação une missão e esperança, mostrando que a presença de Cristo sustenta a Igreja enquanto ela

aguarda sua vinda gloriosa. A missão, portanto, não é atividade opcional, mas resposta fiel ao chamado profético de Cristo que deseja reunir para si um povo de todas as tribos, línguas e nações.

Wright (2009) destaca que a perspectiva escatológica renova e energiza a missão. Saber que a história caminha para a vitória final de Deus dá ao testemunho cristão coragem e propósito. A escatologia impede tanto o desânimo quanto o triunfalismo: ela lembra que o Reino já está presente, mas ainda aguarda sua plenitude — e a Igreja participa desse avanço por meio da evangelização, do discipulado e da prática da justiça.

Assim, as profecias de Jesus continuam sendo um poderoso chamado missionário. Elas lembram a Igreja de que seu tempo na história é temporário, mas seu trabalho no Senhor não é vão; ao contrário, participa da obra redentora de Deus que alcançará sua consumação na vinda do Filho do Homem.

3.4 Discernimento espiritual

Num mundo marcado por discursos confusos, espiritualidade distorcida e profetas autoproclamados, as palavras de Jesus são fundamentais para o discernimento da Igreja. O próprio Cristo advertiu seus discípulos: “Acautelai-vos para que ninguém vos engane. Porque muitos virão em meu nome [...] e enganarão a muitos” (Mt 24:4–5). Essa advertência revela que a falsa profecia não é exceção, mas realidade constante na história da fé.

O apóstolo João reforça esse alerta, exortando os cristãos a “não darem crédito a qualquer espírito, mas provarem os espíritos para ver se procedem de Deus” (1 Jo 4:1). Discernimento é parte essencial da fidelidade escatológica. A Igreja não discerne o tempo apenas pelos acontecimentos externos, mas pela fidelidade interna ao evangelho e ao caráter de Cristo.

Lara (2009) mostra que, na tradição bíblica, a profecia autêntica revela a vontade de Deus, enquanto a falsa profecia encobre o pecado, distorce a verdade e manipula o povo. Wright (2009) acrescenta que a maturidade cristã depende de uma escatologia saudável — não sensacionalista, não fatalista, mas centrada em Cristo e no Reino de Deus.

Assim, as profecias de Jesus continuam relevantes ao capacitar a Igreja para discernir entre verdade e engano, esperança e ilusão, missão e distração. Em dias marcados por instabilidade espiritual, consumo religioso e notícias falsas, esse

discernimento torna-se ainda mais necessário para que os cristãos permaneçam firmes na fé e vigilantes diante da vinda do Senhor.

3.5 A responsabilidade pastoral diante da profecia

Por fim, em uma era marcada por sensacionalismo, falsos profetas e interpretações abusivas do texto bíblico, a Igreja precisa resgatar a leitura equilibrada, madura e pastoral das profecias de Jesus. Não se trata de alimentar pânico ou especular sobre datas, mas de formar discípulos preparados para viver com fidelidade e esperança.

Wright (2009) denuncia os perigos do uso político, comercial ou emocionalmente manipulador da escatologia. A verdadeira leitura profética — aquela que nasce do Evangelho — não alimenta medo, mas fé; não produz desespero, mas esperança; não incentiva fuga, mas missão.

Lara (2009) e von Rad (2006) convergem ao afirmar que a função profética, na tradição bíblica, não se orienta por manipulação emocional ou especulação sensacionalista, mas pela formação de um povo capaz de discernir a vontade de Deus na história. Para ambos, a profecia cumpre sua vocação quando conduz a comunidade ao arrependimento, à fidelidade e à esperança madura — não ao medo, ao espetáculo ou à distorção do evangelho.

A Igreja, portanto, deve ensinar as profecias como elas foram dadas: para animar, corrigir, fortalecer e enviar. Jesus não revelou o futuro para que seus discípulos se confundissem, mas para que permanecessem firmes, sabendo que Deus está guiando a história até a consumação final.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como propósito examinar o legado profético de Jesus Cristo e demonstrar como Suas palavras, pronunciadas no contexto do judaísmo do Segundo Templo, moldaram a identidade da Igreja nascente e continuam a iluminar o caminho da fé cristã ao longo dos séculos. A partir de uma abordagem histórico-teológica, buscou-se integrar a análise dos textos bíblicos, a reconstrução de seus contextos históricos e a consideração das principais tradições interpretativas que se desenvolveram na história do Cristianismo. Os resultados confirmam a hipótese que orientou este estudo: as profecias

de Jesus são centrais para a compreensão da teologia cristã e seguem exercendo influência profunda sobre a espiritualidade, a ética e a missão da Igreja contemporânea.

A análise das categorias proféticas abordadas — a destruição de Jerusalém, a morte e ressurreição de Cristo e os discursos escatológicos — evidenciou a amplitude e profundidade da mensagem profética de Jesus. A profecia sobre a queda de Jerusalém, cumprida no ano 70 d.C., destacou o caráter histórico das palavras de Jesus e revelou a transição para uma nova etapa na história da salvação, na qual a comunidade cristã se compreende como povo da Nova Aliança. Wright (2009) evidencia que esse anúncio funcionou tanto como advertência quanto como confirmação da autoridade profética de Cristo, reafirmando que a história caminha sob o governo soberano de Deus.

Do mesmo modo, as profecias referentes à Paixão e à Ressurreição mostraram-se fundamentais para a fé cristã, pois expressam o centro do evangelho e revelam o sentido da missão de Jesus. Sua morte não constitui mero acidente político ou religioso, mas cumprimento do propósito divino para a redenção. A ressurreição, como ressaltam Ladd (2008) e Wright (2009), inaugura a nova criação e confirma que o Reino já está em ação na história. Assim, o coração do anúncio profético de Jesus é a revelação do Deus que vence a morte e transforma radicalmente a condição humana.

As profecias escatológicas — especialmente no Discurso do Monte das Oliveiras — ofereceram elementos essenciais para a espiritualidade cristã, ao revelar que o futuro anunciado por Jesus não promove especulação ou medo, mas inspira vigilância, perseverança e confiança. Elas convocam a Igreja a interpretar o presente à luz da soberania divina e a viver com responsabilidade ética, discernimento e esperança firme. Conforme destaca Wright (2009), a escatologia cristã é uma vocação: viver entre o “já” inaugurado da redenção e o “ainda não” da consumação final.

Ao percorrer a trajetória histórica das interpretações cristãs, constatou-se que, embora as leituras tenham variado ao longo dos séculos — desde a urgência das comunidades primitivas, passando pela alegorização medieval, pelo retorno ao texto na Reforma e pelas leituras críticas da modernidade — a força e o impacto das palavras proféticas de Jesus permanecem inalterados. Sua voz continua a moldar a ética do Reino, a inspirar a esperança escatológica, a orientar o compromisso missionário e a fortalecer a identidade da Igreja diante dos desafios contemporâneos.

Dessa forma, este estudo contribui para a reflexão teológica ao demonstrar que a profecia de Jesus não deve ser compreendida apenas como objeto de investigação histórica, mas como palavra viva que atravessa os séculos e interpela cada geração. Suas

profecias não somente anunciaram eventos futuros, mas também revelaram o caráter fiel de Deus, confrontaram estruturas de injustiça, alimentaram a esperança dos aflitos e convocaram a Igreja a viver com fidelidade, coragem e expectativa. A permanência e vitalidade desse legado reafirmam que a voz profética de Jesus permanece essencial para compreender o evangelho, cultivar a vida espiritual cristã e orientar a missão da Igreja em um mundo sedento por verdade, justiça e redenção.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Raymond E. A Morte do Messias: A partir dos Evangelhos e de outras fontes históricas. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

GALLAZZI, Sandro. Israel na História: seu povo, sua fé, seu livro. 1. ed. São Leopoldo, RS: CEBI, 2011.

GASS, Ildo Bohnn. Uma introdução à Bíblia vol.4 - Reino Dividido. 1. ed. São Leopoldo, RS: CEBI; São Paulo: Paulus, 2016.

JOSEFO, Flávio. História dos Hebreus – De Abrão à queda de Jerusalém. 8. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

LADD, George Eldon. Teologia do Novo Testamento. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2003.

LADD, George Eldon. O Evangelho do Reino: A Missão de Jesus e a Igreja. 1. ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

LARA, Valter Luiz. A Bíblia e o desafio da interpretação sociológica: introdução ao primeiro testamento à luz de seus contextos históricos e sociais. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

MALINA, Bruce J. O evangelho social de Jesus – O Reino de Deus em perspectiva mediterrânea. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SOUZA, Ana Maria. A influência da cultura mediterrânea no Novo Testamento. Revista Estudos Bíblicos, São Paulo, v. 12, n. 2, pp. 123-138, jul./dez. 2019.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Guia de Estudos Bíblicos: Antigo Testamento. São Paulo: USP, 2020. Disponível em: <http://www.usp.br/guiabiblicos>. Acesso em: 02 set. 2024.

VON RAD, Gerhard. Teologia do Antigo Testamento. Vol. 2. São Paulo: ASTE/Paulinas, 2006.

WRIGHT, N. T. Surpreendido pela Esperança: Repensando o Céu, a Ressurreição e a Missão da Igreja. 1. ed. Viçosa: Ultimato, 2009